

BIRUTA E O DIÁLOGO COM A IMAGEM: DESAFIOS DA MEDIAÇÃO EM ARTE

LAURA CARVALHO SCHMITZ¹; DANIELA MACEDO SACOMORI²; FÁTIMA
JORGE DUARTE³; DANIEL BRUNO MOMOLI⁴

¹Universidade Federal de Pelotas(UFPel) – clauracarvalho22@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas(UFPel) – danielams288@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas(UFPel) – jduartefatima@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas(UFPel) – daniel.momoli@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A “Biruta - Ação Educativa do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo” é um projeto unificado de ênfase extensionista para apoio ao Núcleo Didático-Pedagógico do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), integrando ensino, pesquisa e ações educativas em/com/sobre arte.

O projeto teve início em março de 2024 e as primeiras atividades com o público começaram em agosto daquele ano. Cabe destacar que entre os meses de maio e julho daquele ano o Rio Grande do Sul enfrentou uma grave situação climática e por isso o trabalho com o público só iniciou posteriormente. Com isso, as atividades do projeto só foram retomadas somente no mês de agosto. De agosto a dezembro, o projeto atendeu 665 pessoas de 08 escolas dos municípios de Pelotas, Arroio Grande, Morro Redondo e Rio Grande.

O nome Biruta, parte do objeto homônimo utilizado para indicar o sentido de deslocamento do vento. É por meio dele que se obtém um tipo de informação subjetiva sobre a velocidade que auxilia na orientação de veículos aéreos para decolagens e aterrissagens, pois as aeronaves realizam tais procedimentos na posição contrária ao deslocamento do vento. Seu uso também é feito na meteorologia e também na área da segurança para fazer a leitura do comportamento do vento. O vento possui uma presença constante na cidade de Pelotas, por isso propomos a pensar no clima como aliado para pensar ações.

A construção de uma proposta educativa a partir da imagem de uma Biruta é uma tentativa de ensaiar uma abordagem educativa para a educação em/com/sobre arte nos museus que permita movimentar as práticas de mediação para que elas sejam mais nômades e menos estáticas, que elas provoquem giros em nossos pensamentos e nos dos públicos ao invés de fazer a fixação de um sentido único para a experiência que pode vir a ser produzida no diálogo entre o patrimônio (o prédio onde está sediado o museu e as suas coleções), a arte (os objetos colocados em estado de exposição pela instituição) e as pessoas que visitam o museu.

2. METODOLOGIA

Nesse texto descrevemos o princípio metodológico que temos desenvolvido em nosso projeto. Para isso, nos baseamos na perspectiva da sistematização de experiências de (Holliday,2006; Falkembach,2011). A sistematização de experiências se constitui como um processo ordenado de reflexão sobre as práticas vividas com o objetivo de pensar cenários futuros, cenários ainda não pensados por meio de metodologias que ajudam a organizar percursos formativos que foram vividos individual e coletivamente. Ao recuperar

aquilo que foi vivido se produz sentido sobre como aprendemos com nossas próprias práticas. Não se trata da aprendizagem do conteúdo, mas, da aprendizagem sobre as formas coletivas de produção de conhecimento no/sobre o mundo a partir da arte. Nosso foco é trazer reflexões sobre os desafios da mediação em um museu dedicado às artes visuais.

Nossas ações partem de proposições construídas coletivamente a partir das metodologias artísticas de investigação em educação e da pesquisa-ação. As metodologias para mediação das exposições são construídas coletivamente e após cada atividade avaliamos e reorganizamos os princípios organizativos das proposições com os públicos que visitam o museu. Assim trabalhamos com a construção de um conhecimento vivo conforme nos convida a pensar a autora canadense Rita Irwin (2011).

Nosso princípio metodológico envolve cinco estratégias de mediação que têm nos permitido aprender com a nossa própria prática: os dispositivos de observação chamados de observatórios, as cartas dialogantes, a metodologia do minuto, a estratégia dos barbantes e as cartas poemas.

Os “observatórios” são dispositivos de mediação em forma de molduras retangulares ou quadradas, semelhantes a janelas. Eles incentivam a observação focada de uma obra — parcial ou integral — ao serem posicionados diante dos olhos. Essa ação estimula a análise visual, favorecendo o compartilhamento de percepções entre visitantes. Cada pessoa é convidada a descrever o que vê, promovendo trocas de olhares e leituras, transformando a mediação em um espaço de diálogo.

As “cartas dialogantes” foram criadas a partir de conceitos da crítica, estética e história da arte. O primeiro conjunto foi desenvolvido para a exposição *Artistas Mulheres no Museu*, com base nos eixos curatoriais propostos pela Profa. Dra. Lizangela Torres: natureza, cultura, estranho, cotidiano, corpo, paisagem, abstração e figuração. Durante a mediação, o público escolhe uma imagem para relacionar a uma carta sorteada. Ao justificar suas escolhas, o educativo oferece informações complementares. A proposta rompe com a mediação tradicional centrada no discurso do educador, valorizando a escuta e o olhar do público.

A “metodologia do minuto”, proposta por Vanessa Farias dos Santos, busca desacelerar o ritmo da visita. Ao notar que os visitantes passavam rapidamente pelas obras, criamos esse exercício: o público circula pelo espaço, gira no próprio eixo e, ao sinal, para diante da primeira obra ao alcance visual. Observa-a por um minuto em silêncio e registra três aspectos que chamaram atenção. Em seguida, compartilha suas impressões, promovendo um debate coletivo a partir da experiência sensível de cada um. Essa prática vem fortalecendo a centralidade do corpo e da presença na mediação.

A “estratégia dos barbantes” é uma proposta dinâmica flexível, adaptável a diferentes exposições. O grupo é dividido em quatro equipes, cada uma sorteia uma ficha com um conceito e o relaciona a uma obra da mostra. Em seguida, com um barbante da cor correspondente à ficha, conecta essa obra a outra que dialogue com o mesmo conceito, criando uma cartografia visual das conexões entre os trabalhos. Cada grupo apresenta suas escolhas e os mediadores complementam com informações sobre os artistas. Ao final, discute-se coletivamente os trabalhos não incluídos e a mediação é encerrada com um diálogo aberto. Se houver tempo, pode-se propor uma oficina relacionada aos temas abordados.

As “cartas-poemas” é uma proposta inspirada na exposição *"A ponte e seus desdobramentos"*, de Graça Marques, essa dinâmica parte de nove conjuntos de

imagens associados a poemas selecionados ou criados pela artista. A atividade propõe um jogo de adivinhação em que visitantes recebem um poema e tentam identificar o conjunto de obras correspondente. Posteriormente, a proposta evoluiu para a mediação das “cartas dialogantes”, em que os participantes relacionam o poema recebido à obra que melhor expressa os sentidos evocados pelo texto. A atividade estimula interpretações diversas e discussões sobre poesia e arte.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Muitas pessoas aprenderam que o museu é um espaço apenas contemplativo e conhecem a mediação somente como um extenso discurso histórico, por isso se mostram resistentes ao diálogo e a ação dos mediadores. Além disso, a relação do público com as obras por vezes se dá de maneira um tanto conturbada. Ocorrem estranhamentos perante trabalhos contemporâneos mais conceituais, já que vários visitantes nunca tiveram contato com uma arte que não fosse figurativa ou naturalista, e têm dificuldade em se abrir para refletir sobre algo de caráter mais subjetivo. Esses fatores acabam se tornando desafios, pois nosso objetivo é justamente gerar conversa, reflexão e aprendizado, não só para quem visita, mas também para a equipe mediadora, realizando uma troca de saberes e vivências.

Estamos sempre trabalhando para acolher da melhor forma todo o tipo de público, principalmente as crianças. Porém, existe certo receio de pessoas adultas e educadores ao trazer as crianças ao museu, por acreditarem que elas podem acabar danificando alguma obra ou fazendo muito barulho. Além de preocupações em relação ao conteúdo das exposições, visto que estão frequentemente expostas representações de nus, o que, para um público mais conservador, pode ser motivo de uma indignação que acaba fechando as portas para importantes discussões sobre o corpo.

Outra questão que se torna um problema são visitas de grandes grupos, geralmente turmas escolares com mais de trinta estudantes, por dificultar a escuta de todas as perspectivas e tornar complicada a retenção do foco. Com grupos menores é possível aprofundar e ramificar uma reflexão de modo que todas as ideias sejam ouvidas. Isso requer maior organização e contato com as escolas, para que os alunos possam vir em mais de um horário e todos possam aproveitar a visita da melhor maneira.

Diante disso, nos reunimos e buscamos conceber soluções e alternativas para melhorar a experiência da mediação, levando em consideração as experiências que cada membro da equipe teve em seus turnos. Nossa intenção é desenvolver novas metodologias e modos de lidar com o público a partir daquilo que o próprio público nos traz, procurando sempre promover o museu como espaço aberto ao diálogo, ao questionamento e a investigação de narrativas, onde todos são convidados a expor suas ideias e reflexões.

4. CONSIDERAÇÕES

O projeto Biruta reforça a compreensão do museu como um espaço de encontro, escuta e experimentação educativa. As estratégias desenvolvidas ao longo do percurso mostram que a mediação pode — e deve — ser construída de forma sensível, colaborativa e aberta a diferentes interpretações. Ao priorizar a experiência do público e incentivar a construção coletiva do conhecimento,

reafirmamos nosso compromisso com práticas educativas que estimulam o diálogo, o pensamento crítico e a reflexão por meio da arte.

A vivência no projeto também destacou a importância do trabalho em equipe, da troca de experiências e da busca conjunta por soluções diante de desafios concretos, como a recepção de grandes grupos ou a abordagem de temas sensíveis. Essa experiência ampliou nossa compreensão sobre o papel social da arte e dos museus, fortalecendo nossa formação como educadoras comprometidas com ações culturais acessíveis, inclusivas e em constante diálogo com a realidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FALKEMBACH, Elza Maria. Sistematização, uma arte de ampliar cabeças... In: LINS, Iara; FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca; OLIVEIRA, Raimunda. **Multiplicação criativa, um entrelaçar de práticas e saberes**. Brasília-DF: Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura Contag, 2011. Disponível em: <http://www.enfoc.org.br/system/arquivos/documentos/89/f1293uma-arte-de-ampliar.pdf>. Acesso em: 25 de abril de 2025.

HOLLIDAY, Oscar Jara. 2006. **Para sistematizar experiências**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente.

IRWIN, Rita. A/r/tografia: engajamento como filosofia de pesquisa e prática profissional. **Revista Científica da FAP**. Curitiba, v.14, n.1., p.10-22, jan-jun, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/revistacientifica/article/view/1907>. Acesso em 23 mai. 2025

SHEIK, Saimon. Sobre a produção de públicos ou: arte e política em um mundo fragmentado. In: CAMNITZER, Luiz; PÉREZ-BARREIRO, Gabriel. **Arte para a educação/ educação para a arte**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009.